

# o tigre de sharpe

série sharpe, volume 1

bernard cornwell

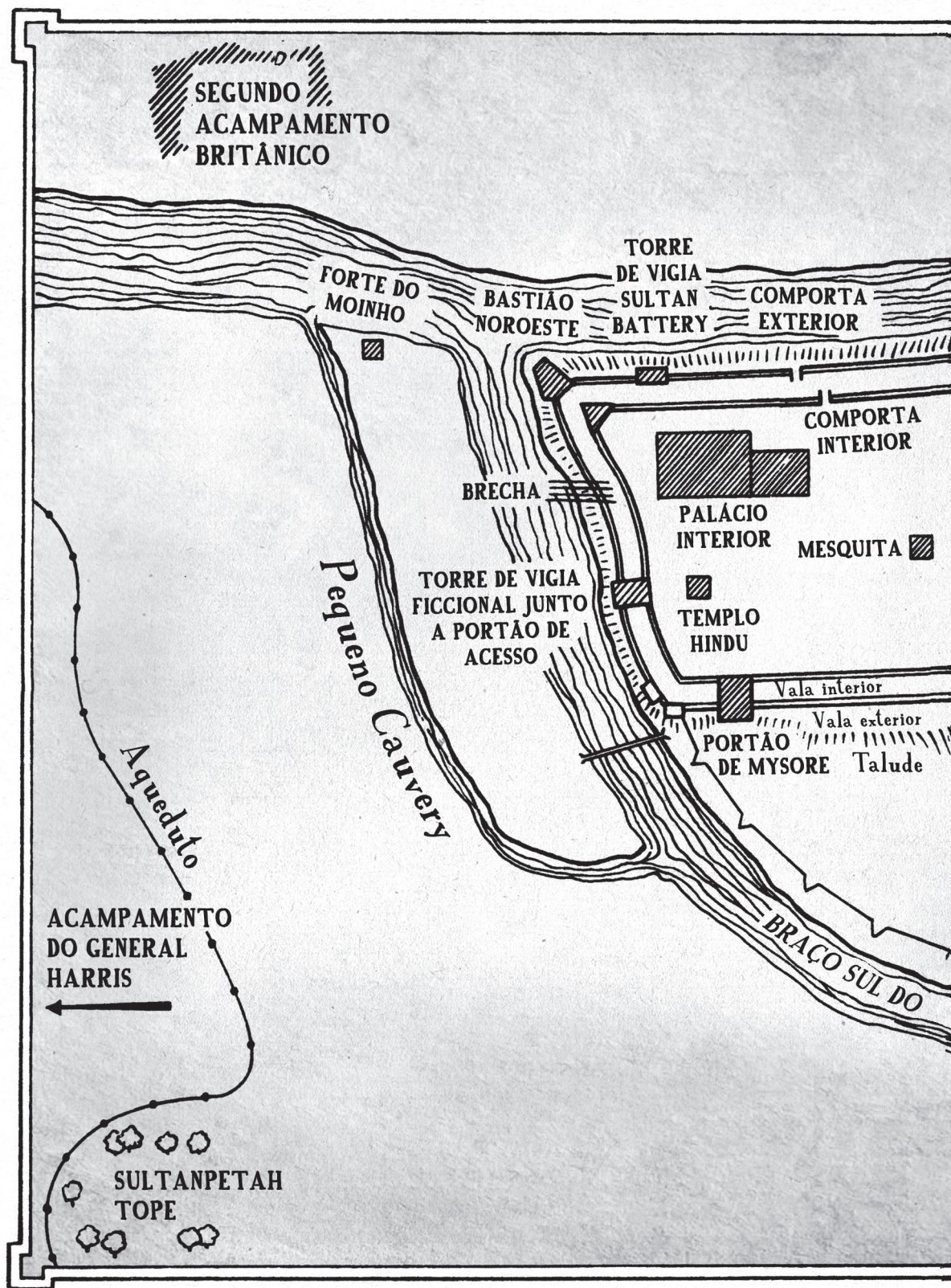
Tradução de Neuza Faustino



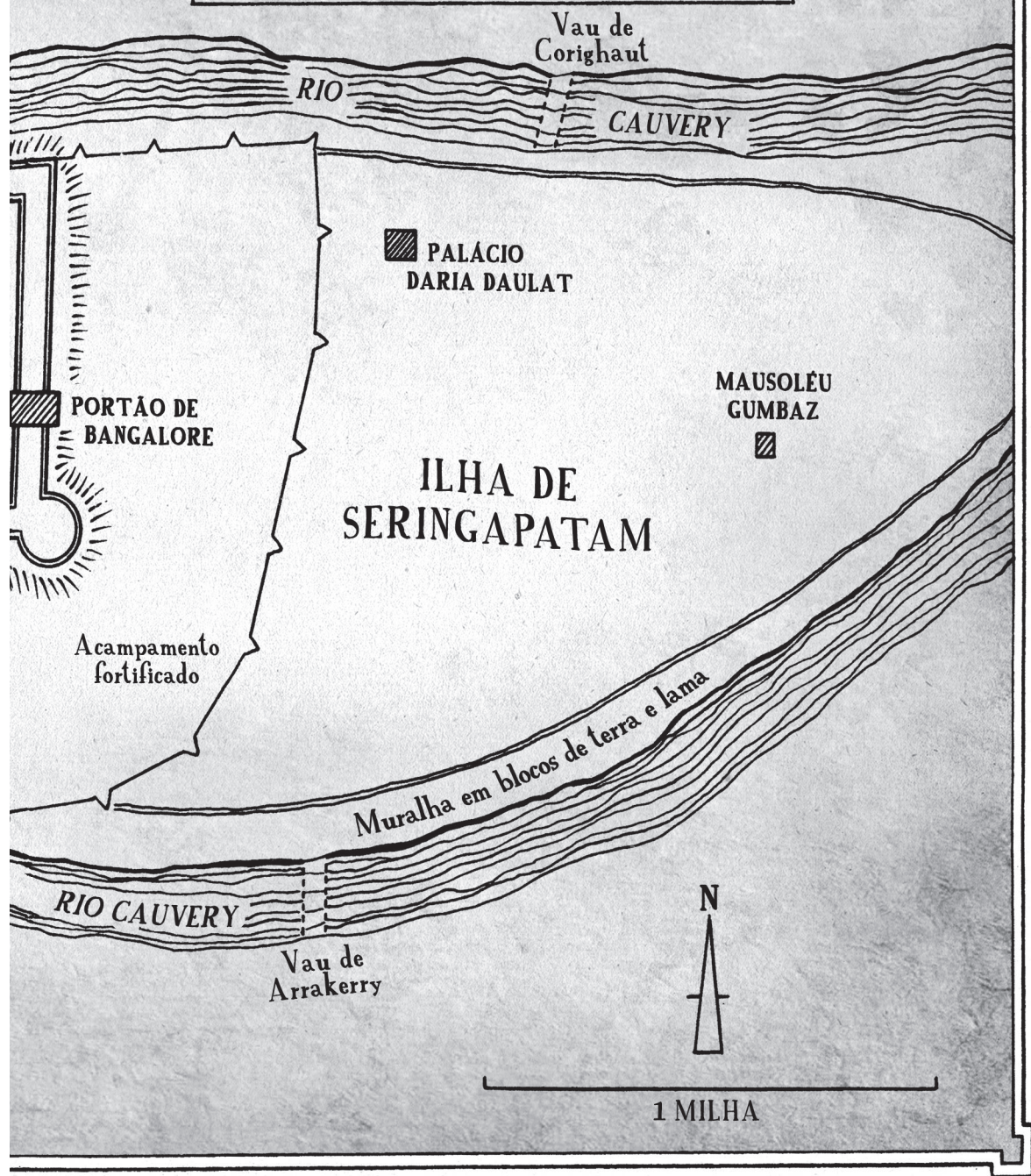
**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

***O TIGRE DE SHARPE É DEDICADO A***  
**MUIR SUTHERLAND E MALCOLM CRADDOCK,**  
**COM OS MELHORES AGRADECIMENTOS**





**ESBOÇO DO  
CERCO DE SERINGAPATAM  
abril-maio de 1799**





# CAPÍTULO 1



**E**ra estranho, pensou Richard Sharpe, não haver abutres em Inglaterra. Nenhum que ele tivesse visto. Coisinhas feias, aquelas aves. Ratazanas com asas.

Ele pensava muito em abutres, e de facto dispunha de muito tempo para fazê-lo, uma vez que era soldado, pertencente às fileiras mais rasas, pelo que o Exército insistia em pensar, e muito, por ele. Era o Exército que decidia quando acordar e levantar-se, quando ir dormir, as horas em que devia comer, quando marchar ou ficar sentado sem nada fazer, e era isso que fazia na maior parte do tempo: nada. Despachar-se e não fazer nada era o que o Exército levava a cabo, e ele estava a ficar farto. Aborrecia-se e pensava em fugir.

Com Mary. Fugir com ela. Desertar. Era o que pensava naquele preciso momento, uma preocupação estranha de se ter, porque, naquele instante, Richard Sharpe estava prestes a receber a sua primeira batalha por parte do Exército. Uma batalha a sério. Participara num combate há cinco anos, mas fora uma disputa confusa e cega no meio do nevoeiro e jamais alguém soubera a razão pela qual o 33.º Regimento se encontrava na Flandres ou o que quer que o tivesse trazido ali, e, no final, nada haviam feito, excetuando alguns tiros disparados contra os franceses ocultos na neblina, e tudo mal durara o tempo de o jovem Richard Sharpe sequer saber que tinha começado. Viu alguns homens serem mortos. Lembrava-se bem da morte do sargento Hawthorne, porque este fora atingido por um projétil de mosquete que lhe descarnou por completo uma costela que despontou através da casaca vermelha. Pouco sangue se viu, apenas a costela branca a atravessar o tecido de um vermelho desbotado.

— Até dá para pendurar o chapéu — disse-lhe Hawthorne em tom de espanto, depois soluçou, de seguida expeliu sangue pela boca e colapsou.

Sharpe continuara então a carregar a arma e a disparar e, começando ele a tomar prazer naquilo, o batalhão dispersou e retornaram aos seus barcos, de regresso a Inglaterra. Que batalha...

Agora encontrava-se na Índia. Não fazia ideia por que razão invadiam Mysore e não estava particularmente interessado em sabê-lo. O rei Jorge III queria Richard Sharpe na Índia, e, portanto, ali estava Richard Sharpe, que começava entretanto a entediar-se de estar ao serviço do rei. Era jovem e afigurava-se-lhe que na vida havia mais do que despachar-se e fazer nada. Havia que fazer dinheiro. Não sabia bem como se fazia dinheiro, a não ser a roubar. O que ele sabia era que estava a aborrecer-se e que conseguiria algo melhor do que encontrar-se meramente no fundo do poço. Talvez fosse melhor fugir, pensava consigo. Tudo o que era necessário para avançar na vida e no mundo era um pouco de bom senso e a habilidade de desferir um pontapé num canalha, antes de levar um pontapé dele, e Richard Sharpe considerava-se apto o suficiente para tal.

Mas, para onde fugir, quando se está na Índia? Metade dos nativos eram assalariados do governo britânico e entregariam qualquer um por um punhado de moedas em latão, moedas essas que praticamente nada valiam; a outra metade lutava contra os britânicos ou preparava-se para combatê-los, e, caso fugisse para junto deles, seria de novo obrigado a lutar no exército que tinham constituído. Provavelmente, um exército nativo pagar-lhe-ia mais do que os dois *pence* que recebia agora de diária do governo britânico, após os descontos, mas para quê trocar de uniforme? Ah, não. Ele teria de fugir para um lugar onde o Exército jamais o encontrasse, senão ver-se-ia em breve diante do grupo de fuzileiros, numa manhã de extremo calor. Uma explosão de tiros de mosquetes, uma cova no meio da terra vermelha a servir de sepultura, no dia seguinte os ratos alados a rasgarem-lhe as entranhas, como um bando de melros a debicarem vermes do solo relvado.

Era por isso que pensava tanto em abutres. Pensava na vontade de fuga, mas na relutância em servir de alimento aos abutres. Não se deixar apanhar. Regra número um no Exército, a única que importava. Porque, quem fosse apanhado, seria açoitado pelos canalhas até à morte ou veria as suas costelas reorganizadas por balas de mosquete e, de uma maneira ou de outra, serviria de engorda aos abutres.

Os abutres estavam sempre ali, por vezes a circularem de asas bem abertas que se inclinavam ao vento repentino e quente, por vezes pousados em conjunto, as figuras encurvadas, nos ramos das árvores. Alimentavam-se da morte e um exército em marcha proporcionava-lhes um banquete para glutões, e agora, neste último ano do século XVIII, dois exércitos aliados encontravam-se a atravessar esta planície escaldante do Sul da Índia. Um

dos exércitos era britânico, o outro pertencia a um aliado da Grã-Bretanha, o nizam de Hiderabade, proporcionando ambos um festim para os abutres. Desfaleciam cavalos, morria gado, morriam camelos, até mesmo dois dos elefantes que haviam parecido tão indestrutíveis sucumbiram e depois começaram a morrer pessoas. Os exércitos gêmeos contavam com um séquito dez vezes maior do que eles mesmos: uma grande extensão de camponeses que os seguiam, mercadores, pastores, prostitutas, esposas e filhos, e, no meio de todas estas pessoas, como também no meio das próprias tropas, disseminavam-se à vontade as epidemias. Os homens morriam de uma disenteria sangrenta, ou a tremerem de febre, ou a engasgarem-se no seu próprio vômito; faleciam a tentar respirar ou ensopados em suor, ou a estrebucharem como loucos ou com a pele aberta em chagas. Morriam homens, mulheres e crianças, e tanto fazia os seus corpos serem enterrados ou queimados, porque, no final, eram os abutres que se alimentavam deles, uma vez que o tempo e a madeira para uma pira funerária digna escasseavam, e os abutres viriam a arrancar a carne meio cozida dos ossos chamuscados, de uma maneira ou de outra, e, se os cadáveres chegavam a ser enterrados, não havia monte de pedras que impedisse o escarafunchar das feras, e de seguida vinham os abutres rasgar com os seus bicos em gancho a carne inchada e putrefacta que os dentes selvagens não tivessem conseguido abocanhar.

E este dia quente de março prometia-lhes comida farta, e os abutres pareciam pressenti-lo, e, na medida em que a tarde ia avançando, mais e mais dessas aves vinham juntar-se à coluna crescente de asas estendidas que circulava acima das cabeças dos homens em marcha. Os abutres não adejavam as suas asas, planavam simplesmente no ar tórrido, deslizantes, inclinados, atentos, à espera, sempre à espera, como se soubessem que a suculência da morte iria encher-lhes o papo e saciá-los muito em breve.

— Que aves mais feias e canalhas — disse Sharpe —, não passam de ratazanas com asas. — Mas ninguém do 33.º Regimento da Companhia Ligeira quis responder-lhe. Nenhum deles tinha fôlego suficiente para tal. O ar quente fá-los-ia engasgar devido ao pó levantado pelos homens que iam na dianteira, pelo que as fileiras da retaguarda avançavam aos tropeços por aquela mistura quente e granulada que lhes arranhava a garganta e causava irritação nos olhos. A maioria dos homens nem se apercebia dos abutres a circularem acima deles, enquanto outros estavam tão cansados que nem notaram a tropa de cavalaria que surgiu de repente oitocentos metros mais a norte. Os cavaleiros trotaram ao longo de uma pequena mata, com

árvores cujas copas exibiam uma floração avermelhada, para logo depois tornarem a desaparecer, aceleradamente. Os saibres desembainhados refletiram por momentos a luz do sol no seu metal, e já os cavaleiros se haviam desviado da infantaria, mas então, tão inexplicavelmente como tinham acelerado e desviado os seus cavalos, de repente pararam. Sharpe deu-se conta da presença deles. Pertenciam à cavalaria britânica. Os meninos bonitos vinham ver como combatiam os soldados a sério.

Mais adiante, por detrás de uma ligeira elevação do terreno, surgiu, sobre o fundo do calor ondulante e esbranquiçado contra o azul do céu, a silhueta de mais um grupo de cavaleiros. Foi disparado um tiro. O estrondo do canhão foi imenso, um som crescente a perfurar, oco e melífluo, a planície. A arma fumegava, branca, na ondulação do ar quente, e a carga pesada embateu com força no meio dos arbustos, rasgando folhagem e flores em pedaços, raspou o pó do solo assolado pelo calor, depois continuou a rolar aos solavancos, em velocidade decrescente, e foi parar junto de um tronco caído e seco, do qual jorraram fragmentos de folhas, gravetos e madeira ressequida. O tiro falhara a infantaria de casacas vermelhas por uns bons duzentos passos, mas o som de canhão despertou os mais cansados.

— Meu Jesus! — exclamou uma voz vinda das fileiras da retaguarda. — O que foi aquilo?

— Foi o raio de um camelo que se largou... o que achas que foi aquilo? — respondeu-lhe um cabo.

— Foi o maldito de um mau tiro de canhão — disse Sharpe. — Até a minha mãe teria atirado melhor.

— Nunca pensei que tivesses mãe — falou o soldado Garrard.

— Toda a gente tem, Tom.

— O sargento Hakeswill não tem — disse Garrard, e depois cuspiu no chão uma mistura de saliva e pó. A coluna de homens parara momentaneamente, não devido a qualquer ordem recebida, mas antes porque o tiro de canhão enervara o oficial que liderava a companhia dianteira e que já não tinha a certeza quanto à direção em que devia guiar as suas tropas. — O Hakeswill — explicou Garrard com veemência, enquanto tirava da cabeça a barretina e limpava do rosto o suor e o pó com a manga de algodão tingido de vermelho, deixando um rasto breve da mesma cor sobre a testa — é obra do demo. — Depois recolocou, à bruta, a barretina sobre o cabelo empoado com pó de talco.

Sharpe interrogou-se se Tom Garrard desertaria com ele. Dois homens seriam capazes de sobreviver melhor do que um. E Mary? Viria com eles?

Pensava muito nela, quando não estava a pensar em tudo o resto, só que Mary estava intrincadamente ligada a tudo o resto. Era uma situação muito confusa. Era a viúva do sargento Bickerstaff e era meio indiana e meio inglesa, e ela tinha vinte e dois anos, tal como Sharpe, ou pelo menos era o que ele pensava, pois não sabia ao certo que idade tinha. Tanto podia ter vinte e um como vinte e três anos: não sabia, pois não tivera mãe que lho dissesse. Era claro que tinha mãe, como toda a gente, mas nem toda a gente nascera de uma prostituta de Cat Lane que desapareceu logo após o nascimento do filho. A criança recebeu o nome do patrono rico que o acolheu e o criou, porém o nome não trouxera a Richard Sharpe qualquer patrocínio, apenas o levava ao fundo do poço do Exército. Ainda assim, considerou Sharpe, podia construir um futuro, e Mary falava uma ou duas línguas indianas, o que poderia vir a ser útil, caso Tom e ele desertassem.

A cavalaria à direita de Sharpe esporeou os cavalos de novo para o trote e desapareceu além das árvores de flor avermelhada, deixando para trás somente uma nuvem de pó. Duas armas de cavalaria, ou seja, dois canhões sobre carretas, cada uma com o peso de seiscentas libras, oscilavam perigosamente sobre o terreno acidentado atrás dos homens a cavalo. Outros canhões do exército eram puxados a bois, mas aquele grupo de cavaleiros usava cavalos para o efeito, que eram três vezes mais céleres do que o gado de cultivo. O canhão solitário do inimigo disparou de novo, o som brutal a esmurrar o ar quente com um impacto quase palpável. Sharpe via agora surgir mais armas inimigas na cordilheira, mas bem mais pequenas do que aquela que acabara de disparar, e presumiu que não teriam o mesmo longo alcance. Foi então que viu um rasto cinzento aparecer no ar, um tremeluzir como de um risco a lápis na vertical, desenhado contra o azul do céu, e soube que o disparo vinha na sua direção, tal como soube que não haveria vento a desviar gentilmente o projétil pesado. E apercebeu-se de tudo isto num ápice, o projétil já no ar, sem tempo suficiente para que ele reagisse, mas o bastante para sentir a morte a aproximar-se. Porém, então a esfera aterrou no solo, a uns poucos passos de distância dele, ressaltando ainda sobre a cabeça dele, para logo de seguida rolar, inofensiva, para o meio de um campo de cana-de-açúcar.

— Agora deve estar a tua mãe a fazer os lançamentos para os canalhas, não é, Dick? — disse Garrard.

— Nada de falarem, agora! — guinchou de repente a voz do sargento Hakeswill. — Poupem a saliva. Era você que falava, Garrard?

— Eu não, sargento. Não tenho nem saliva nem fôlego para isso.

— Está sem fôlego? — O sargento Hakeswill saiu, a passo firme, das fileiras da companhia e encarou Garrard. — Está sem fôlego? Então está morto, soldado Garrard! Morto! Não serve o rei nem o reino, se está morto, mas você nunca foi de grande préstimo, pois não? — Os olhos malévolos passaram rapidamente para Sharpe. — Era você que falava, Sharpie?

— Não era eu, sargento.

— Não têm ordens para falar. Se o rei vos quisesse em conversa amena, tinham recebido ordem para isso. É assim que ditam as regras. Dê-me aqui a sua espingarda, Sharpie. Ande lá, despache-se!

Sharpe entregou o mosquete ao sargento. Fora a chegada do sargento Hakeswill à sua companhia que o fizera pensar que era altura de fugir. Ele já estava entediado, mas Hakeswill vinha juntar ao tédio a injustiça. E não era que Sharpe se importasse muito com a injustiça, uma vez que apenas os ricos beneficiavam dela, neste mundo, porém a que Hakeswill praticava continha tamanha maldade que havia poucos homens naquela Companhia de Infantaria Ligeira que não estivessem prontos a rebelar-se; o que os mantinha longe de provocarem um motim era saberem que Hakeswill conhecia a vontade deles, a desejava, ao mesmo tempo que queria castigá-los pela vontade sentida. Era um homem capaz de provocar a insolência e depois castigá-los por ela. Encontrava-se sempre dois passos à frente de qualquer um deles e os esperava ao virar da esquina, com um cassetete na mão. Era um demónio, o Hakeswill, um demónio que envergava uma casaca vermelha impecável com um distintivo de sargento.

Contudo, quem olhasse para Hakeswill via nele o soldado perfeito. Era verdade que o seu rosto, estranhamente granulado, se contorcia a cada dois segundos, como se houvesse um espírito maligno a estremecer sob a pele dele, avermelhada pelo sol, porém tinha olhos azuis, o cabelo empoeirado com tanto esmero que parecia neve, a mesma que aquele país jamais conhecera, e o uniforme assentava sempre de maneira a conferir-lhe o aspeto de um guarda real do Castelo de Windsor. Treinava os seus soldados como um prussiano, cada movimento dele tão brusco quanto elegante e limpo, que era um prazer observá-lo. Então, porém, os olhos infantis tremeluziam num olhar que dava de esguelha e parecia-nos ver neles o próprio demo a espreitar. Na altura dos treinos, quando ele ainda era o sargento Hakeswill que procedia à recruta, fizera por não mostrar a sua faceta maligna, e fora nessa altura que Sharpe o conhecera. Agora que o sargento já não precisava de aliciar e levar jovens tolos a juntarem-se às suas fileiras, Hakeswill já não se importava que vissem a malignidade dele.

Sharpe não se moveu, enquanto o sargento desatava o pedaço de pano que utilizava para proteger o mosquete do pó insidioso. Hakeswill inspecionou a trava do gatilho, nada encontrou de errado, depois afastou-se de Sharpe, de modo que o sol incidisse em cheio sobre a arma. Tornou a inspecionar o mosquete, endireitou-o, disparou um tiro a seco, depois pareceu perder o interesse no instrumento bélico quando um grupo de oficiais esporeava os cavalos na direção da frente da coluna que parara.

— Companhia! — gritou Hakeswill. — Companhia! Em sentido!

Os homens juntaram os pés e endireitaram-se e os três oficiais passaram por eles a galope. Hakeswill ficara hirto numa pose algo grotesca, a bota direita apoiada atrás da bota esquerda, as pernas, contudo, direitas, a cabeça e os ombros esticados para trás, a barriga empurrada para a frente, os cotovelos a estenderem-se para quase se unirem no côncavo formado no fundo das costas. Nenhuma das demais companhias do 33.º Regimento Real ficara em sentido à passagem dos oficiais cavaleiros, ainda assim, o gesto de respeito de Hakeswill foi completamente ignorado. A negligência não teve qualquer efeito sobre o sargento que, logo após o trio ter passado, gritou à companhia para voltar a estar à vontade e tornou à inspeção do mosquete de Sharpe.

— Não vai encontrar nada de errado com isso, sargento — disse-lhe Sharpe.

Hakeswill, ainda em sentido, deu uma volta elaboradíssima, a bota direita a embater com um som oco final no solo.

— Dei-lhe permissão para falar, Sharpie?

— Não, sargento.

— Pois não, sargento. Não dei permissão. Uma ofensa com direito a chicote, Sharpie. — A face direita de Hakeswill estremeceu com o espasmo involuntário que lhe desfigurava o rosto a cada dois ou três segundos, e a maldade veemente estampada nas suas feições foi de súbito tão intensa, que toda a Companhia de Infantaria Ligeira suspendeu por momentos a respiração, na expectativa da detenção de Sharpe, mas o estrondo de mais um tiro de canhão do inimigo atravessou os campos e a esfera pesada embateu, ressaltou, rolou, rasgou caminho através da faixa verdejante de um campo de arroz, e a violência do projétil inofensivo serviu de distração a Hakeswill, que se virou a observar a esfera, até esta parar. — Que disparo mais pobre! — disse, mordaz. — Os pagãos não sabem fazer pontaria, quer-me parecer. Ou talvez estejam apenas a brincar connosco. A brincar! — A ideia fê-lo rir. Não era a antecipação, suspeitou Sharpe, do prazer na

batalha que mantinha Obadiah Hakeswill naquele estado de quase jovialidade, antes a ideia de a batalha trazer morte e miséria, porque era na miséria que o sargento se deleitava. Gostava de ver os homens acobardados e com medo, porque isso tornava-os vergáveis, e o sargento Hakeswill ficava tão mais contente quando tinha homens infelizes sob o seu controlo.

Os três oficiais cavaleiros haviam feito parar os seus cavalos na frente da coluna e agora usavam lunetas para observação da cordilheira distante, coberta por uma franja de fumo resultante do disparo de canhão inimigo.

— Aquele é o nosso coronel, rapazes — anunciou Hakeswill à Companhia Ligeira do 33.º — O coronel Arthur Wellesley, o próprio! Abençoado seja, pois é um *gentleman*, algo que vocês não são. Ele veio ver o vosso combate, portanto lutem. Lutem como ingleses que são.

— Eu sou escocês — fez-se ouvir um tom acre, vindo da retaguarda.

— Eu ouvi! Quem disse isso? — Hakeswill olhou a companhia fixamente, as faces a estremecerem-lhe incontrolavelmente. Estivesse ele menos bem-humorado, e teria arrancado o falante das fileiras e tê-lo-ia castigado. Porém, o excitação da batalha pendente persuadiu-o a menosprezar a ofensa. — Um escocês! — disse, ao invés. — Qual é a coisa mais bela alguma vez vista por um escocês? Quem me responde? — Ninguém respondeu. — A estrada que o leva à Inglaterra. É isso. Consta dos escritos e das regras, portanto, só pode ser verdade. — Avaliou o peso da arma de Sharpe enquanto perscrutava as últimas fileiras. — Ficarei de olho em vós — rosnou. — Ainda nenhum de vós esteve num combate a sério, não num combate a sério, mas do outro lado daquela maldita colina está uma horda de pagãos de cara preta à vossa espera. Mal podem esperar para deitar as mãos sujas às vossas mulheres, portanto que nenhum de vós volte as costas, senão mando-lhe esfolar o couro! Carne e ossos descarnados, nada mais há de restar de vós, se voltarem costas. Mas, se obedecerem e fizerem o que vos ordenam, nada há que enganar. E quem é que dá aqui as ordens?

O sargento ficou a aguardar por uma resposta, e, por fim, o soldado Mallinson ofereceu-lhe uma:

— Os oficiais, sargento!

— Os oficiais! Os oficiais! — cuspiu Hakeswill com desdém. — Os oficiais estão aqui para nos mostrarem porque estamos a lutar. São *gentlemen*. São *gentlemen* a sério! Homens com propriedades e de berço, não meninos sem cheta de casacas escarlates e bolsos vazios, como vocês são. Quem dá as ordens são os sargentos. O Exército é todo sargentos! Não se esqueçam disso, rapazes! Vocês estão prestes a começar uma batalha contra

os pagãos e, caso me ignorem, serão homens mortos! — As faces dele começaram a estremecer de forma grotesca, o maxilar a desviar-se breve e subitamente para o lado, e Sharpe, ao observar o rosto do sargento, perguntou a si mesmo se seria o nervosismo de Hakeswill que o tornava tão volúvel. — Mantenham os olhos atentos a mim, rapazes — continuou a dizer Hakeswill, — e ficarão direitos como tripés. E sabem porquê? — Gritou a última palavra num tom estridente e dramático, fazendo lembrar um pregador a contorcer-se numa sebe de silvas. — Porque eu não posso morrer, rapazes, não posso morrer! — Tornara-se repentinamente intenso, a voz agora rouca e fervorosa. Era um discurso já muito ouvido pela maioria dos soldados da Companhia de Infantaria Ligeira; era, ainda assim, notável, se bem que o sargento Green, ligeiramente abaixo de Hakeswill na hierarquia militar, voltasse as costas, nauseado. Hakeswill escarneceu de Green, depois levou a mão ao pescoço e puxou com os dedos o colarinho ajustado e em couro, de tal maneira que uma cicatriz antiga se fez ver, junto da garganta. — O nó da corda de enforcar, rapazes! — berrou. — Foi isso que me deixou esta marca: o nó da corda de enforcar! Estão a ver? Estão a ver? Mas eu estou vivo, rapazes, vivo e de pé, em vez de enterrado. Não há prova maior de que não têm de morrer. — De novo o rosto a estremecer, ao mesmo tempo que ele largava o colarinho. — Marcado por Deus — concluiu, a voz rouca com a emoção. — É isto que sou: marcado por Deus!

— Louco, isso sim — murmurou entre dentes Tom Garrard.

— Voltou a falar, Sharpie? — Hakeswill rodopiou sobre o calcanhar e olhou Sharpe fixamente, mas este estava numa quietude quase palpável e nem pestanejava, o que tornava a sua inocência indiscutível. E Hakeswill tornou a andar de um lado para o outro, diante da Companhia de Infantaria Ligeira. — Vi homens morrerem, homens melhores do que qualquer um de vós, que não passam de um pedaço de esterco, homens a sério, mas Deus poupou-me! Portanto, vocês fazem o que eu vos disser, rapazes, se não vão servir de alimento aos abutres. — E, abruptamente, voltou a pôr o mosquete nas mãos de Sharpe. — A arma está limpa, Sharpie! Muito bem, rapaz! — E afastou-se sem alarde, e Sharpe reparou que, para sua surpresa, o pano protetor tinha sido enlaçado de novo, e escrupulosamente, ao redor da trava do gatilho.

O elogio feito a Sharpe deixou toda a Companhia de Infantaria Ligeira num espanto.

— Está de um bom humor, hoje — murmurou Garrard entre dentes —, como nunca.

— Eu ouvi isso, soldado Garrard — berrou Hakeswill sobre o ombro. — É que eu tenho orelhas na parte de trás da cabeça, pois tenho. Agora, silêncio! Não vamos querer que aquela horda de pagãos pense que vocês estão com medo! Vocês são homens brancos, não se esqueçam disso, purificados pelo sangue limpo do cordeiro, portanto, calem-se agora! A companhia inteira! Fiquem quietinhos e calados, como aquelas freiras que não dizem palavra à custa de lhes terem cortado a língua papista. — De repente colocou-se de novo em sentido e fez o gesto de saudação, atravessando a sua alabarda de ponta de lança sobre o peito. — Toda a companhia está presente, *sir*! — gritou num tom de voz que deve ter sido audível ao inimigo que ocupava a cordilheira. — Estão todos presentes e em silêncio, *sir*! Se não, mandava-os chicotear até sangrarem, *sir*.

O tenente William Lawford parou o seu cavalo e fez um aceno de cabeça ao sargento Hakeswill. Lawford era o segundo oficial da Companhia de Infantaria Ligeira, abaixo do capitão Morris e acima dos jovens alferes, mas acabara de chegar ao batalhão e tinha tanto medo de Hakeswill como qualquer soldado nas fileiras.

— Os homens podem falar, sargento — observou Lawford brandamente. — As outras companhias não estão em silêncio.

— Não, *sir*. Têm de poupar o fôlego, *sir*. Está muito calor para falarem, *sir*. Além disso, há pagãos a matar, *sir*. Não podem perder tempo à conversa, *sir*. Não enquanto houver pagãos de cara negra para aniquilar, *sir*. É o que as escrituras também dizem, *sir*.

— Se acha que sim, sargento — disse Lawford, relutante em provocar um confronto, depois considerou que nada mais tinha a acrescentar e, como tal, consciente do escrutínio de que estava a ser alvo pelos sessenta e sete homens, fixou o olhar na cordilheira, onde o inimigo aguardava. Mas ele estava também consciente de se ter rendido, com ignomínia, à vontade do sargento Hakeswill e, assim sendo, enrubescia enquanto perscrutava o ocidente. Lawford era popular, porém consideravam-no fraco, se bem que Sharpe duvidasse do julgamento feito. Pensava que o tenente tentava ainda conhecer o terreno em que se movia, entre os humores estranhos e por vezes mesmo assustadores que percorriam o 33.º Regimento e que, com o tempo, Lawford provaria a sua força e resiliência. Por ora, contudo, William Lawford, tinha apenas vinte e quatro anos e só recentemente comprara o seu posto de tenente, pelo que continuava inseguro em relação à sua autoridade.

O alferes Fitzgerald, que tinha apenas dezoito anos de idade, veio da

dianteira da coluna para a parte de trás. Assobiava, relaxado, enquanto caminhava e raspava com a lâmina do sabre desembainhado nas ervas altas.

— É só um instante, *sir* — disse com jovialidade, olhando para cima, para o tenente Lawford, depois pareceu dar-se conta do silêncio ominoso da Companhia de Infantaria Ligeira. — Não ficaram com medo, pois não? — perguntou.

— Estão a poupar o fôlego, senhor Fitzgerald, *sir* — retorquiu Hakeswill.

— Têm fôlego suficiente para entoarem uma dúzia de canções e ainda vencerem o inimigo — disse Fitzgerald em tom de escárnio. — Não é assim, rapazes?

— Vamos vencer aqueles canalhas, *sir* — asseverou Tom Garrard.

— Então, cantem — exigiu Fitzgerald. — Não suporto o silêncio. Teremos quietude que baste nos nossos túmulos, rapazes. Portanto, penso que podemos fazer algum barulho agora. — Fitzgerald tinha uma bela voz de tenor, da qual se usou para entoar a cantiga da vaqueira e do reitor, e, quando a Companhia de Infantaria Ligeira chegou à parte em que ela lhe vendava os olhos e ele, nu, pensava que iria realizar os seus desejos e, ao invés, foi direcionado para a vaca Bessie, já os soldados berravam a plenos pulmões a cantilena.

Porém, nunca chegaram a terminá-la. O capitão Morris, o oficial comandante da Companhia de Infantaria Ligeira, veio a cavalo da frente do batalhão e interrompeu os cantares.

— Meia companhia! — gritou a Hakeswill!

— Meia companhia, *sir*! — respondeu o sargento. — É para já, *sir*! Companhia de Infantaria Ligeira! Parem com essa barulheira! Ouviram o que disse o oficial! — berrava Hakeswill. — Sargento Green! Tome conta das fileiras da retaguarda. Senhor Fitzgerald! Tenha o obséquio de retomar o seu lugar à esquerda, *sir*. Fileiras da dianteira! Arma ao ombro! Destravar! Vinte passos para a frente! Marchar! Agora! Rápido! Rápido!

As faces de Hakeswill estremeeceram, quando as dez fileiras da dianteira marcharam vinte passos, para depois pararem, deixando para trás as restantes nove fileiras. Ao longo de toda a coluna do batalhão, as companhias dividiam-se similarmente, a arma estática, apontada, como se estivessem de novo no recinto de parada e de exercícios no Yorkshire. A quatrocentos metros à esquerda do 33.º Regimento, outros seis batalhões faziam as mesmas manobras, usando da mesma precisão. Os seis batalhões eram constituídos por soldados indígenas ao serviço da Companhia das Índias Orientais, embora envergassem casacas vermelhas, tal como os homens do

rei. Os seis batalhões sipaios exibiram as suas cores, e Sharpe, ao ver as bandeiras coloridas, olhou para a frente, onde o 33.º Regimento desfraldava as suas bandeiras do invólucro de couro e as erguia ao sol feroz da Índia. A primeira, exibindo as cores do rei, era uma bandeira britânica, nela bordadas as honrarias de batalha, enquanto a segunda mostrava as cores do regimento, os trinta e três distintivos exibidos sobre um campo bordado a vermelho, o mesmo escarlate das casacas dos homens. As bandeiras em seda e com borlas penduradas brilhavam e a visão destas valeram-lhes mais um repentino tiro de canhão vindo da cordilheira. Até aí, havia sido apenas aquele o único canhão a ser disparado, mas outros seis foram adicionados abruptamente à batalha. Estas armas novas eram mais pequenas e os projéteis caíam a uma distância considerável dos sete batalhões.

O major Shee, o irlandês que comandava o 33.º Regimento enquanto o coronel, Arthur Wellesley, controlava a brigada inteira, desviou o cavalo de novo para trás, falou brevemente com Morris, depois tornou a guinar o seu animal para a frente da coluna.

— Vamos empurrar aqueles canalhas para fora da cordilheira! — gritou Morris à Companhia de Infantaria Ligeira, depois inclinou a cabeça para acender um charuto com uma caixinha de pólvora. — Qualquer canalha que voltar as costas, sargento — continuou Morris, após acender devidamente o seu charuto —, será abatido, ouviu?

— Alto e bom som, *sir*! — gritou-lhe Hakeswill. — Será abatido! Leva um tiro pelo cobarde que é! — Voltou-se e mostrou a carranca às duas meias companhias atrás dele. — Abatido! E o nome fixado na entrada da igreja da terra, cobarde que foi. Portanto, lutem como ingleses!

— Como escoceses! — rosnou uma voz na retaguarda, porém num tom demasiado baixo para Hakeswill ouvir.

— Como irlandeses! — disse outro, mais atrás.

— Nenhum de nós é cobarde! — exclamou Garrard em voz alta.

O sargento Green, que era um homem decente, acalmou os ânimos:

— Chiu, rapazes. Sei bem que farão o vosso dever.

A frente da coluna marchava agora, mas as companhias da retaguarda aguardavam por ordens, para que o batalhão avançasse com as suas vinte meias companhias com amplos intervalos de permeio. Sharpe calculou que a formação assim espalhada intentava reduzir as baixas entre os homens causadas pelo bombardeamento inimigo de que estavam a ser alvo e que, por ainda se encontrar distante, não causava danos graves. Atrás dele, muito atrás, os restantes exércitos aliados aguardavam que a cordilheira fosse

desimpedida. Aquela massa de homens formava uma horda formidável, porém Sharpe sabia que estava a olhar para o séquito civil dos dois exércitos: um caos de mercadores, esposas, serviçais e pastores que mantinham vivos os soldados combatentes e cujos mantimentos possibilitariam o cerco à capital inimiga. Eram precisos mais de seis mil bois para puxarem os projéteis redondos dos canhões para o grande cerco, gado que tinha de ser pastoreado e alimentado devidamente, e os pastores viajavam com as suas famílias que, por seu turno, necessitavam de mais bois para carregarem os seus próprios mantimentos e utensílios. O tenente Lawford comentara, uma vez, que a expedição não parecia um exército em marcha, mas era como uma grande tribo em migração. A vasta horda de civis e de animais era envolvida pela camada fina da infantaria de casacas vermelhas, sendo a maioria deles sipaios indianos, cuja função era proteger os mercadores, as munições e os animais de carga da cavalaria ligeira, célere e brutal, do sultão Tipu.

O sultão Tipu. O inimigo. O tirano de Mysore, o homem que estaria presumivelmente a comandar os disparos dos canhões das colinas. Era o sultão Tipu quem governava a cidade de Mysore, mas quem ele era exatamente, se era um tirano ou não, um animal ou um semideus, Sharpe não fazia ideia. Ele estava ali por ser um soldado e tinha de ser o suficiente para ele terem-lhe dito que o sultão era um tirano, um inimigo, pelo que aguardava pacientemente sob o sol da Índia, que lhe deixava o corpo ensopado em suor.

O capitão Morris apoiou-se no pomo da sua sela. Retirou da cabeça o chapéu com pluma de galo e limpou o suor da testa com um lenço que fora embebido em água de Colónia. Embebedara-se na noite anterior e o estômago dele continuava a revoltar de dor e flatulência. Não estivesse o batalhão a marchar para a batalha, e ele ter-se-ia afastado a galope à procura de um lugar resguardado, a fim de esvaziar as tripas, o que, naquele momento, seria má altura, pois podia ser tomado por fraco pelos seus homens e, como tal, ergueu ao invés o seu cantil, na expectativa de o conteúdo alcoólico e ardente acalmar a sua turbulência interior.

— Sargento! — chamou, quando a meia companhia na dianteira havia avançado o suficiente. — Agora!

— Avançar meia companhia! — gritou Hakeswill. — Marchar em frente! A par e a passo certo! Agora!

O tenente Lawford, tendo-lhe sido dada a supervisão da meia companhia da retaguarda do batalhão, aguardou que os homens de Hakeswill

tivessem avançado os vinte passos, depois fez um aceno de cabeça ao sargento Green.

— Avancem, sargento!

Os homens de casacas vermelhas marcharam de mosquetes descarregados, pois o inimigo ainda se encontrava bem distante e não havia qualquer sinal da infantaria do sultão Tipu, nem da sua cavalaria tão temida. Havia somente as armas bombardeiras do inimigo e, alto no céu, os abutres. Sharpe encontrava-se na fileira da frente da segunda metade da companhia. O tenente Lawford olhava-o de soslaio e pensava que estava ali um rapaz deveras bem-parecido. A figura elegante, as faces bronzeadas pelo sol e os olhos azuis e duros conferiam-lhe um ar de segurança e de competência fácil, uma aparência que resultava reconfortante a um tenente jovem e nervoso que avançava para a sua primeira batalha. Lawford pensou que, com homens como Sharpe, como poderiam perder?

Sharpe não notou o olhar do tenente e ter-se-ia rido se lhe tivessem dito que a sua aparência inspirava confiança. Sharpe não tinha qualquer noção da sua própria aparência física, pois raramente via um espelho e, quando estava diante de um, o que via não lhe era importante, se bem que soubesse que as raparigas gostavam dele, tal como ele gostava delas. Sabia também que era o homem mais alto da Companhia de Infantaria Ligeira. Era, na verdade, tão alto que deveria fazer parte da Companhia de Granadeiros que liderava o avanço do batalhão, porém, quando se juntara ao regimento, há seis anos, o oficial que comandava a Companhia de Infantaria Ligeira insistira que se juntasse às fileiras dele. O capitão Hughes já morrera, acometido por uma disenteria em Calcutá, mas, no seu tempo, Hughes orgulhava-se de ter os homens mais rápidos e astutos sob o seu comando, homens capazes de lutar sozinhos na linha da frente, e, para ele, fora uma tragédia só ter visto os seus soldados em batalha apenas uma vez, aquela que fora a malfadada expedição assolada pela febre, naquela ilha no meio do nevoeiro da costa da Flandres, em que nenhuma celeridade ou inteligência da parte dos homens poderia alguma vez ser bem-sucedida mediante a ignorância do general que os comandava. Agora, cinco anos depois, num campo de batalha na Índia, o 33.º Regimento marchava novamente ao encontro do inimigo, se bem que, na vez do entusiasta e generoso capitão Hughes, a Companhia de Infantaria Ligeira era comandada pelo capitão Morris, que queria lá saber da celeridade ou da astúcia dos seus homens, desde que não lhe dessem problemas. Fora por isso que trouxera o sargento Hakeswill para a companhia.

E era por isso que o soldado Richard Sharpe de seu nome, tão elegante e bem-parecido e de olhos duros, pensava em fugir.

Só que não fugiria naquele dia. Hoje, não, pensava. Hoje estariam em batalha e a Sharpe agradava a perspectiva de combate. Um combate significava saque, a que os soldados indianos chamavam *loot*, e qualquer homem que estivesse a pensar em fugir dali e começar uma vida nova sozinho precisaria de um pouco de *loot* para tomar balanço.

Os sete batalhões marchavam na direção da cordilheira. Estavam repartidos em colunas de meias companhias, de forma que, da perspectiva de um abutre, pareceriam cento e quarenta pequenos retângulos vermelhos, espalhados por cerca de quatrocentos metros de campo verdejante, a avançarem a passo firme e certo na direção da linha de fogo do inimigo, que ocupava as colinas. Os sargentos andavam a par e passo ao lado das meias companhias, enquanto os oficiais caminhavam ou cavalgavam na frente. À distância, os quadrados vermelhos pareceriam bonitos, pois as casacas dos homens eram de um escarlate vivo, atravessadas pela faixa branca a tiracolo. Na verdade, as tropas estavam imundas e transpiravam. As casacas eram de lã, concebidas para campos de batalha na Flandres, não na Índia, e a cor escarlate desbotara com as chuvas torrenciais e agora apresentavam-se rosadas ou num tom arroxeado esquisito, todas elas manchadas do branco do suor seco. Todos os homens do 33.º Regimento usavam um colarinho ou gola de couro que parecia querer afundar-se cruelmente no pescoço deles, e os seus cabelos compridos tinham sido puxados com força para trás, untados a cera de velas, depois torcidos ao redor de uma pequena bolsa em couro enchida com areia, segura com uma faixa fina de cabedal, pelo que o cabelo pendia-lhes a todos como uma clava sobre o côncavo do pescoço. Depois, o cabelo era empoeirado com farinha branca, e, apesar de o cabelo assim apanhado e branqueado ter um aspeto muito cuidado e bonito, constituía, na verdade, um ninho propício para pulgas e piolhos. Os sipaios nativos da Companhia das Índias Orientais tinham melhor sorte. Eles não arranjavam o cabelo com farinha, nem usavam as calças pesadas das tropas britânicas, marchando ao invés de pernas desnudadas. Também não tinham de colocar as golas de couro e, mais espantoso ainda, nos batalhões indianos ninguém era açoitado.

Um dos projéteis de canhão inimigo alcançou, por fim, um alvo, e Sharpe viu uma meia companhia do 33.º Regimento a ser despedaçada, quando a bala grande e redonda atravessou as fileiras. Pensou ver por instantes surgir no ar uma névoa avermelhada, por cima da formação atingida, quando a bola de canhão a perfurou, mas talvez tenha sido apenas uma

ilusão. Dois homens ficaram no chão, quando o sargento ordenou que realinhassem, dois outros coxeavam e um deles cambaleou, tropeçou e ficou caído. Os rapazes dos tambores, que avançavam diretamente atrás das cores das bandeiras erguidas na frente, marcavam o ritmo constante da marcha com as suas batidas certas, entrecortadas por um floreado rítmico mais rápido, mas, alguns segundos antes de marcharem por entre os dois montes de resíduos do que haviam sido soldados da Companhia de Granadeiros, aceleraram o movimento dos paus nas suas mãos, apressando, portanto, os passos do regimento, até que o major Shee se voltou para trás na sua sela e amaldiçoou a pressa deles.

— Quando carregamos as armas? — perguntou o soldado Mallinson ao sargento Green.

— Quando nós o dissermos, rapaz, quando nós o dissermos. Não antes. Oh, meu Deus! — A última interjeição do sargento Green foi causada por uma onda de tiros de espingarda ensurdecadora do lado da cordilheira. Mais uma dúzia de canhões mais pequenos do sultão Tipu abriram fogo e o cume estava agora envolto em fumo branco-acinzentado provocado pelos disparos. Os dois canhões *galloper* à direita do regimento tinham sido desengatilhados e começavam agora a devolver os disparos, porém as armas inimigas encontravam-se escondidas atrás do próprio fumo expelido, uma nuvem de fumaça que obscurecia qualquer dano que os canhões *galloper*, mais pequenos, pudessem vir a infligir. Mais cavaleiros trotavam agora à direita do 33.º Regimento. Estes recém-chegados eram das tropas indianas, usavam turbantes de cor escarlate e brandiam lanças longas, cruelmente afiadas.

— Então, o que raio se quer que façamos? — perguntou Mallinson, queixoso. — Marchar até às malfadadas colinas de mosquetes vazios?

— Se vos for dito que assim o façam — disse o sargento Green —, é o que fazem! Até lá, dobra a língua.

— Calem-se, aí atrás! — gritou Hakeswill da meia companhia que ia adiante. — Isto não é uma reunião da paróquia! Isto é uma batalha, seus palermas!

Sharpe queria estar preparado e, assim sendo, desatou o pedaço de pano da trava do gatilho e meteu-o no bolso, onde guardava o anel que Mary lhe oferecera. O anel, uma faixa estreita de prata desgastada, pertencera ao sargento Bickerstaff, o marido de Mary, mas o sargento falecera e Green tomara as insígnias dele, e Sharpe a cama. Mary era oriunda de Calcutá. Não era lugar para o qual se fugisse, pensou Sharpe. O lugar estava repleto de casacas vermelhas.

Depois esqueceu-se de qualquer perspectiva de desertar, porque, de repente, a paisagem diante deles encheu-se de soldados inimigos. Uma massa de soldados da infantaria atravessava a extremidade mais baixa da cordilheira e descia a marchar para a planície. Os uniformes deles eram de um roxo desbotado, os chapéus largos e vermelhos, e, tal como as tropas britânicas das Índias Orientais, vinham de pernas desnudadas. As bandeiras que brandiam sobre as suas cabeças eram amarelas e vermelhas, porém o vento soprava tão fraco que o panejado pendia das hastes, não deixando ver qualquer distintivo. Surgiram mais e mais homens, a ponto de Sharpe não conseguir sequer estimar quantos seriam.

— 33.º Regimento! — gritou alguém da frente. — Alinhar à esquerda!

— Alinhar à esquerda! — ecoou o capitão Morris.

— Ouviram o oficial! — berrou o sargento Hakeswill. — Alinhem à esquerda! Rápido! Agora!

— Em passo de corrida! — gritou-lhes o sargento Green.

A meia companhia da frente do 33.º Regimento havia parado e todas as meias companhias atrás viraram à esquerda e duplicaram o ritmo dos passos, tendo a meia companhia final, onde se encontrava Sharpe, um espaço maior a percorrer, a fim de se unir às outras. Os homens começaram a correr, as suas cargas e bolsas, as baionetas, a embaterem no corpo deles, a saltarem para baixo e para cima, enquanto, quase aos tropeços, percorriam os pequenos campos cultivados. Qual porta que se entreabre e fecha, a coluna, que havia estado a marchar diretamente ao encontro da cordilheira, transformava-se agora numa linha a estender-se em paralelo em relação às colinas, para assim barrar o avanço da infantaria inimiga.

— Duas filas! — gritou uma voz.

— Duas filas! — ecoou o capitão Morris.

— Ouviram o oficial, rapazes! — berrou Hakeswill. — Duas filas! À direita! Rápido, agora!

Todas as meias companhias que tinham estado a correr separavam-se agora para formarem duas unidades menores, cada uma constituída por duas fileiras, cada uma delas a alinhar-se com a unidade à sua direita, pelo que o batalhão inteiro formava agora uma linha de batalha de duas filas. Enquanto Sharpe corria para a sua posição, olhou de soslaio para o seu lado direito e viu os rapazes dos tambores a reposicionarem-se atrás das bandeiras do regimento, guardadas por um esquadrão de sargentos, armados de varas longas com lâminas de machado nas extremidades.

A Companhia de Infantaria Ligeira foi a última a colocar-se em posição.

Houve uns segundos de um mexer mais célere de pés, enquanto os homens olhavam de soslaio para a sua direita, a verificarem o alinhamento, depois instalou-se a quietude e o silêncio, excetuando os cabos, que rapidamente fechavam as fileiras. Em menos de um minuto, numa mudança formidável de posição, o 33.º Regimento Real mudara da formação de uma coluna e dispusera-se numa linha de batalha, pelo que se encontravam agora setecentos homens dispostos em duas fileiras longas de frente para o inimigo.

— Podem carregar as armas, major Shee! — disse o coronel Wellesley. Guiara o seu cavalo a galope até junto do major, o qual se encontrava sob as duas bandeiras do regimento. Os seis batalhões indianos continuavam a correr, a formarem à esquerda, porém a infantaria inimiga surgia na parte norte da cordilheira, o que significava que o 33.º Regimento era o mais próximo e, como tal, o mais provável de sofrer o ataque das tropas do sultão Tipu.

— Carregar as armas! — gritou o capitão Morris a Hakeswill.

Sharpe começou a sentir-se nervoso enquanto fazia deslizar a arma do ombro, a fim de a segurar de través sobre o peito. Mexeu com dedos agitados na culatra do mosquete, puxando-a para trás, a fim de ficar engatilhada. A transpiração fazia-lhe arder os olhos. Ouvia o batimento dos tambores do inimigo.

— Manejar cartucho! — gritou o sargento, e cada homem da Companhia de Infantaria Ligeira retirou um cartucho do seu cinto e abriu à dentada o papel encerado e duro. Seguraram as balas na boca, sentindo o gosto acre da pólvora.

— Introduzir! — E setenta e seis homens pegaram com os dedos num pouco de pólvora dos cartuchos abertos e introduziram-na na caçoleta do mosquete, depois fecharam a abertura, mantendo a pólvora no interior.

— Pousar! — E setenta e seis mãos viraram a arma e pousaram-na no solo, a abertura do cano voltada para cima. — Estou de olho em vós! — acrescentou Hakeswill. — Se algum de vós, margaridas, não usar toda a pólvora, mando-o esfolar e depois esfregar com sal a carne miserável. — Façam como deve ser! — Havia soldados mais antigos que aconselhavam a usar-se apenas metade da pólvora de um cartucho, deixando o resto cair no chão, para que a arma disparasse apenas a meia força, diminuindo o solavanco brutal do mosquete disparado, contudo, face ao inimigo que avançava, nenhum homem se lembraria de recorrer a esse truque. Fizeram descer a pólvora restante pelo cano, meteram o cartucho vazio na bolsa, depois retiraram as balas da boca e enfiaram-nas no bocal da arma de fogo.

A infantaria inimiga encontrava-se a cerca de cento e oitenta metros de distância e avançava passo a passo ao ritmo dos tambores e do toque de trombetas. As armas de fogo dos homens do sultão Tipu continuavam a disparar, contudo já não apontavam os canos ao 33.º Regimento, por receio de atingirem as suas próprias tropas, mas aos seis batalhões indianos que acorriam a fechar a brecha que se abrira entre eles e o 33.º Regimento.

— Passar a vareta! — gritou Hakeswill, e Sharpe libertou a vareta dos três grampos que a seguravam sob o cano com cerca de um metro. A boca sabia-lhe ao pó acre da pólvora. Continuava nervoso, não por o inimigo estar a aproximar-se, mas por se ver assolado pela ideia repentina e absurda de porventura se ter esquecido de como se carregava um mosquete. Voltejou a vareta no ar, depois introduziu a ponta ligeiramente alargada ao lume no cano.

— Calcar! — berrou Hakeswill. Setenta e seis homens pressionaram a vareta para fazerem descer a bala e o enchimento, até a bala ficar devidamente posicionada no fundo da arma.

— Retirar a vareta! — Sharpe puxou a vareta do cano, ouvindo o som do raspar contra metal, depois voltejou-a de novo e reintroduziu-a através dos grampos, sob o cano do mosquete, onde a deixou então cair na devida posição.

— Descansar arma! — gritou o capitão Morris, e a Companhia de Infantaria Ligeira, com os mosquetes carregados, colocou-se em sentido, as armas em pé, do seu lado direito. O inimigo continuava a uma distância considerável, demasiado longe para um tiro de mosquete o poder atingir com precisão e letalidade, e, assim sendo, as duas fileiras de casacas vermelhas aguardariam até que a salva inicial pudesse ter o efeito pretendido.

— Talião! — gritou o sargento-mor Bywaters do centro das fileiras formadas. — Fixar baionetas!

Sharpe retirou a lâmina de quarenta centímetros da bainha, que tinha colocado por trás da anca esquerda. Introduziu-a na boca do mosquete, onde a posicionou devidamente, encaixando a ranhura na saliência. Agora, nenhum inimigo poderia arrancar a baioneta do mosquete. A lâmina montada tornava mais difícil o recarregamento do mosquete, porém Sharpe suspeitou que o coronel Wellesley tivesse decidido disparar de uma só vez, em saraivada, e depois passar ao ataque.

— Vai ser uma briga bem sangrenta — disse Sharpe a Tom Garrard.

— Eles têm mais homens do que nós — murmurou Garrard entre dentes, olhando fixamente o inimigo. — E parecem confiantes.

Parecia deveras confiante, o inimigo. As tropas da frente tinham momentaneamente parado, para permitir que os homens que vinham atrás as alcançassem, e agora, formados de novo numa coluna sólida, preparavam-se para continuar a avançar. As suas fileiras estavam direitas que nem uma vareta. Os seus oficiais traziam faixas ao redor da cintura e empunhavam sabres curvos. Uma das bandeiras deles estava a ser oscilada de um lado para o outro, e Sharpe conseguiu a custo reconhecer nela um sol dourado sobre o fundo de um céu escarlate. Os abutres voavam mais baixo. Os canhões *galloper*, não resistindo a disparar sobre a grande coluna da infantaria inimiga assim exposta, atiraram sobre um dos flancos, porém os homens do sultão Tipu aguentaram de forma estoica a investida, os oficiais a certificarem-se de que a coluna continuava unida e pronta para retaliar sobre as fileiras de soldados de casacas vermelhas.

Sharpe passou a língua nos lábios secos. Então aqueles é que eram os homens do sultão Tipu, pensou consigo. Eram uns canalhas bem aprumados, e agora encontravam-se perto o suficiente para ele ver as suas túnicas, que não eram simplesmente de um arroxeadado muito claro, mas que tinham sido recortadas de um tecido fino cor de creme e decoradas com riscas de tigre em lilás. Os cintos a tiracolo eram pretos, e cinzentos os turbantes e as faixas ao redor da cintura. Podiam ser pagãos, mas não eram de desdenhar por isso, pois fazia apenas dezassete anos que aqueles homens com riscas de tigre haviam despedaçado um exército britânico e forçado os sobreviventes a renderem-se. Estes soldados constituíam as famosas tropas dos tigres da cidade de Mysore, os guerreiros do sultão Tipu que haviam dominado todo o Sul da Índia, até os britânicos se terem lembrado de subir, eles próprios, os caminhos das encostas a partir da planície costeira e entrar Mysore adentro. Os franceses eram aliados destes homens e alguns serviam no exército do sultão, se bem que Sharpe não visse rostos pálidos naquela coluna maciça que se aprontava e que, por fim, se lançou ponderadamente para diante, ao som ritmado dos tambores. As tropas com faixas de tigre nas túnicas marchavam diretamente ao encontro do 33.º Regimento Real, e Sharpe, olhando de soslaio à sua esquerda, reparou que os sipaios da Companhia das Índias Orientais continuavam demasiado distantes para poderem oferecer efetivamente uma ajuda. O 33.º Regimento teria de lidar sozinho com a coluna do sultão.

— Soldado Sharpe! — O berro repentino de Hakeswill foi suficientemente alto para se sobrepor aos vivas que as tropas do sultão Tipu iam dando à medida que avançavam. — Soldado Sharpe! — gritou de novo Hakeswill.

Acorria ao longo da parte de traseira da Companhia de Infantaria Ligeira, e o capitão Morris, que naquele momento descera do cavalo, seguia-o. — Dê-me o seu mosquete, soldado Sharpe! — berrou novamente Hakeswill.

— Não há nada de errado com a minha arma — protestou Sharpe. Estava na fileira da frente e teve de se voltar para trás e estreitar-se entre Garrard e Mallinson, a fim de entregar o seu mosquete ao sargento.

Hakeswill arrancou-lhe a arma da mão e apresentou-a, satisfeito, ao capitão Morris.

— Veja, *sir*! — disse o sargento, triunfante. — Tal qual eu pensava, *sir*! O canalha vendeu a pederneira dele! A um escurinho oriental. — As faces de Hakeswill estremeceram, quando lançou a Sharpe um olhar vencedor. O sargento desatarraxou o parafuso da tampa do mosquete, extraiu a pederneira do seu invólucro em couro e oferecia agora o pedaço de pedra à avaliação de Morris. — Uma pedra comum, *sir*. De nada serve, nem a homem, nem a animal. Deve ter trocado a pederneira dele, *sir*! Trocado por uma prostituta pagã, *sir*, desculpe a expressão. Animal imundo que ele é.

O capitão Morris olhou rapidamente para a pedra.

— Vendeu a pederneira, soldado? Vendeu-a? — perguntou num tom de voz que denotava tanto escárnio como prazer e ainda amargura.

— Não, *sir*.

— Silêncio! — gritou Hakeswill no rosto de Sharpe, lançando-lhe perdigotos de saliva. — A mentir a um oficial! Mais uma ofensa com direito a punição, *sir*. Ofensa com punição. Vender a pederneira dele, *sir*? Uma ofensa a punir, *sir*. É o que diz nas escrituras, *sir*.

— É uma ofensa a punir — repetiu o capitão Morris num tom de satisfação. Era tão alto e espadaúdo quanto Sharpe, tinha cabelo louro e um rosto de traços finos, que começava a mostrar indícios violentos da bebida fermentada com que o capitão tentava atenuar o tédio. Os olhos traíam o cinismo dele, porque se lia neles algo ainda pior: desprezo pelos seus homens. Hakeswill e Morris, pensou Sharpe enquanto os observava. Que par!

— Não há nada de errado com a pederneira, *sir* — insistiu.

Morris segurava a pederneira na palma da mão direita.

— Parece-me uma lasca de pedra.

— Cascalho comum, *sir* — disse Hakeswill. — Apenas cascalho comum, *sir*, nem vale a homem, nem a animal.

— Posso? — veio juntar-se uma voz. Era a voz do tenente William Lawford, que desmontara perto de Morris e de Hakeswill, e, sem esperar que o capitão lho permitisse, estendeu o braço e retirou a pedra da mão de

Morris. Lawford enrubesceu, de novo espantado com a sua própria temeridade em intervir daquela forma. — Há uma maneira simples de se verificar, *sir* — disse Lawford nervosamente, depois puxou pela pistola, endireitou-a e bateu com a pedra contra o metal. Mesmo o dia solarengo permitiu ver a óbvia faísca produzida. — Parece-me uma ótima pederneira, *sir* — concluiu Lawford num tom suave. O alferes Fitzgerald, de pé atrás de Lawford, brindou Sharpe com um sorriso conspiratório. — Uma ótima pederneira — insistiu Lawford, desta vez menos intimidado.

Morris lançou um olhar furioso a Hakeswill, de seguida girou sobre o calcanhar e encaminhou-se novamente para o seu cavalo. Lawford atirou a pederneira de volta às mãos de Sharpe.

— Prepare a sua arma — disse-lhe.

— Sim, *sir*. Obrigado, *sir*.

Lawford e Fitzgerald afastaram-se. Hakeswill, humilhado, atirou a Sharpe o mosquete deste.

— Espertalhão, Sharpie, não é?

— Se não se importa, devolva-me também o couro, sargento — disse Sharpe, e, assim que encaixou de novo a pederneira envolvida no couro na arma, tornou a chamar Hakeswill, que já se afastava. — Sargento!

Hakeswill deu dois passos atrás.

— Quer isto, sargento? — perguntou. Sharpe retirou uma lasca de pedra do bolso do casaco. Encontrara-a ao retirar o pedaço de pano da trava do gatilho do mosquete, reconhecendo que Hakeswill tinha substituído a pederneira por uma pedra comum, quando fizera de conta que inspecionava a arma dele. — Não preciso dela, sargento — continuou Sharpe. — Tome. — E atirou a pedra a Hakeswill, que fez por ignorá-la, voltou as costas e cuspiu no chão. Depois afastou-se. — Obrigado, Tom — disse Sharpe, pois fora Garrard que lhe arranjava uma pederneira de substituição.

— Vale a pena estar no Exército para ter assistido a isto — disse Garrard, e todos os homens ao seu redor se riram por terem visto a derrota de Hakeswill e de Morris.

— Olhem para a frente, rapazes! — chamou-os o alferes Fitzgerald à atenção. O alferes irlandês era o oficial mais jovem da companhia, mas tinha a autoconfiança dos homens mais velhos. — Há disparos a fazer.

Sharpe reintroduziu-se na sua fileira. Levantou o mosquete, ajeitou o couro sobre a pederneira, que posicionou melhor, e enroscou o parafuso da trava. Então tornou a levantar os olhos e verificou que a massa de inimigos se encontrava apenas a cem passos de distância. Lançavam gritos a intervalos

rítmicos, calando-se ocasionalmente para se fazer ouvir uma trombeta ou uma batida floreada de tambor. O que se ouvia mais, porém, era o bater dos pés no solo seco. Sharpe tentou contar o número de homens na fileira da frente da coluna, mas perdia-se de cada vez que mais oficiais atravessavam a dianteira, marchando de viés, para se posicionarem. Deviam ser milhares, as tropas de tigres, todos a marcharem como um grande martelo que fosse esmagar as duas fileiras de soldados de casacas escarlates.

— Isto está a correr bem, não está? — queixou-se um deles.

— Esperem, rapazes, esperem — disse-lhes o sargento Green, calmamente.

O inimigo enchia agora a paisagem diante deles. Avançava numa coluna formada por sessenta fileiras, cada uma delas constituída por cinquenta homens, três mil ao todo, se bem que ao olhar inexperiente de Sharpe parecessem ser no mínimo dez vezes mais. Nenhum deles disparou a arma, enquanto avançavam, mas tinham-nas preparadas, tal como o 33.º Regimento. Os mosquetes do inimigo eram providos de baionetas na ponta, enquanto os oficiais carregavam sabres. E avançavam. E para Sharpe, que observava o avanço da coluna a partir da esquerda da fileira e conseguia ver tanto o flanco como a dianteira deles, aquela formação maciça afigurou-se imparável, como se de um vagão de quinta se tratasse, carregadíssimo, a rolar vagarosa e inexoravelmente na direção de uma sebe frágil.

Agora podia ver o rosto do inimigo. Eram de pele escura, os bigodes pretos, os dentes estranhamente muito brancos. Os homens-tigres aproximavam-se e encontravam-se perto, tão perto, e os cantares transformavam-se em gritos de guerra individuais. A qualquer momento, pensou Sharpe, a coluna pesada começaria a correr e a atacar, as baionetas niveladas.

— Trinta e três! — chamou brevemente a voz do coronel Wellesley sob as cores das bandeiras do regimento. — Preparar!

Sharpe colocou o pé direito atrás do esquerdo, o corpo dele a inclinar-se ligeiramente para a direita, depois ergueu o mosquete até à altura da anca, puxou a culatra e engatilhou a arma por completo. Ouviu-se o estalido de posicionamento e, de alguma forma, a pressão da mola de martelo fê-lo sentir-se seguro. Ao inimigo que se aproximava parecia que o exército britânico inteiro se voltara para o lado, e o movimento repentino de homens que haviam estado tanto tempo à espera de uma forma tão silenciosa fez desacelerar por momentos a vontade que o impelia. Mais acima das tropas de Mysore com listas de tigre, sob algumas bandeiras, na faixa da cordilheira, de onde haviam disparado os canhões, um grupo de cavaleiros

observava a coluna. Estaria ali o próprio sultão Tipu?, perguntou-se Sharpe. E estaria o sultão a recordar aquele dia distante em que as suas tropas tinham dominado um exército de cerca de quinhentos soldados britânicos e indianos, levando-os então em marcha para o cativeiro, situado na sua cidade de Seringapatam? Os gritos de guerra do inimigo enchiam agora o ar, mas a voz do coronel Wellesley era audível acima do tumulto.

— Apresentar!

Setecentos mosquetes alinharam-se com o ombro de setecentos soldados. As armas estavam carregadas de metal pesado, e setecentos mosquetes apontaram para a cabeça da coluna, prestes a despoletar setecentas onças de chumbo que atingisse a liderança das fileiras daquela massa célere e confiante que avançava diretamente contra o par de bandeiras britânicas, sob as quais aguardava o coronel Wellesley. Os homens-tigres apressavam-se agora, a fileira da frente a desfazer a formação enquanto corriam. Em breve o vagão embateria na sebe frágil.

Arthur Wellesley aguardara seis anos por aquele momento. Tinha vinte e nove anos e começara a reear que jamais estaria numa batalha; agora, finalmente, estava prestes a descobrir se ele e o seu regimento eram capazes de combate. Encheu os pulmões de ar, a fim de verbalizar a ordem que daria início à chacina.

O CORONEL JEAN GUDIN SUSPIROU PELA MILÉSIMA VEZ NO espaço de uma hora e afugentou as moscas do rosto. Gostava da Índia, mas detestava as moscas, o que o faria desgostar também da Índia, se, por outro lado, apesar dos insetos, não gostasse da Índia. Não tanto como apreciava a sua terra na Provença, mas onde alguma vez encontraria lugar igual à sua Provença?

— Majestade? — avançou por fim, depois esperou que o seu intérprete conseguisse obter a atenção de Tipu. O intérprete traduzia o francês de Gudin para a língua persa do sultão. Tipu entendia algumas palavras francesas e falava a língua local, a canaresa, suficientemente bem, contudo dava preferência ao persa, porque o fazia lembrar da sua longa linhagem, que ia até às primeiras dinastias da antiga Pérsia. O sultão Tipu jamais se esquecia da sua superioridade em relação aos indígenas de pele mais escura de Mysore. Ele era um muçulmano, um persa e um governante, enquanto eles eram sobretudo hindus, todos eles, ricos ou pobres, oriundos de camadas sociais altas ou baixas, seus súbditos que lhe deviam obediência. — Majestade? — tentou de novo o coronel Gudin.

— Coronel? — O sultão Tipu era um homem de estatura pequena, que tendia para a obesidade, o rosto abigodado, os olhos grandes, o nariz proeminente. Não era um homem de uma aparência que impressionasse, porém Gudín sabia que a pouca atratividade do sultão escondia uma mente determinada e um peito corajoso. Apesar de se dar conta da presença de Gudín, o sultão não se voltou para olhar para o coronel. Em vez disso, inclinou-se para a frente na sua sela, uma mão no punho de tigre do seu sabre curvado, enquanto observava a sua infantaria avançar contra os britânicos desleais. A espada pendia-lhe de uma faixa de seda que atravessava a jaqueta em seda amarelo-limão, que Tipu usava sobre umas calças de tecido leve e colorido. O turbante vermelho também era em seda, acima da testa o distintivo dourado que exibia a máscara de um tigre. A própria tenda mostrava o padrão da lista de tigre, pois este felino era mascote e inspiração, se bem que o distintivo no turbante mostrasse igualmente a sua reverência por Alá, uma vez que o rosto do tigre com esgar de rosno era inteligentemente formado por uma cifra que remetia para um versículo do Alcorão: *O Leão de Deus é o Conquistador*. Mais acima, o alfinete na breve pluma a decorar o turbante do sultão era brilhante e nele cintilava, à luz do dia, um rubi do tamanho de um ovo de pombo.

— Coronel — repetiu o sultão.

— Talvez seja prudente, majestade — sugeriu Gudín, hesitante —, avançarmos com os canhões e a cavalaria contra o flanco britânico. — Gudín gesticulou para o lado onde se encontrava a Companhia de Infantaria Ligeira, na fileira magra e vermelha, a aguardar o embate da coluna de Tipu. Se o sultão ameaçasse um dos flancos da frágil formação com uma cavalaria, o regimento britânico ver-se-ia forçado a reduzir-se a um quadrado e a prescindir de três quartos dos seus mosquetes para atingir a coluna inimiga.

Tipu abanou a cabeça em sinal negativo.

— Iremos varrer aquele lixo com a infantaria, Gudín, depois enviamos a cavalaria contra o séquito. — Largou o punho da espada para unir levemente os dedos das duas mãos. — Por favor, Alá.

— E se o plano não agradar a Alá? — perguntou Gudín, pressupondo que o seu intérprete iria colocar a questão de uma forma que fosse menos insolente.

— Nesse caso, lutaremos contra eles a partir da muralha de Seringapatam — respondeu o sultão, tirando brevemente os olhos da batalha iminente para se virar para Gudín e lhe oferecer um leve sorriso. Não

se tratava de um sorriso amistoso, mas de um esgar feroz de antecipação. — Iremos destruí-los com os nossos canhões, coronel — continuou Tipu a dizer, —, esmagá-los com projéteis, e, dentro de poucas semanas, os ventos da monção farão com que os sobreviventes se afoguem, e, se assim agradar a Alá, perseguiremos os fugitivos ingleses daqui até ao mar.

— Se agradar a Alá — disse Gudin, resignado. Era conselheiro oficial do sultão Tipu, enviado da Diretoria de Paris para ajudar Mysore a derrotar os britânicos, e, paciente, acabara de fazer o seu melhor para aconselhar Tipu, e não era culpa dele se o seu conselho era menosprezado. Afugentou as moscas do rosto, depois observou o 33.º Regimento a levar os mosquetes ao ombro. Quando aquelas armas disparassem, pensou consigo o francês, a frente da coluna do sultão esfarelar-se-ia como um favo de mel que fosse atingido por um martelo, mas talvez a chacina ensinasse a Tipu que era difícil vencer guerras contra tropas disciplinadas, a não ser que se utilizassem todas as armas contra elas: a cavalaria, para forçá-las a apertarem-se para sua proteção, depois a artilharia e a infantaria, a fim de abrir fogo sobre as fileiras então amontoadas. Certamente que o sultão Tipu sabia tudo isso, contudo insistira em lançar para a frente os seus três mil homens da infantaria, sem o apoio da cavalaria, o que fazia Gudin supor que, ou Tipu acreditava que Alá combateria ao lado deles, naquela tarde, ou o sultão encontrava-se ainda demasiadamente consumido pela sua famosa vitória contra os britânicos de há dezassete anos, acreditando assim que conseguiria vencê-los agora em campo aberto.

Gudin tornou a espaventar as moscas. Pensou que era tempo de regressar a casa. Por mais que gostasse da Índia, sentia-se frustrado. Suspeitava que o governo em Paris se esquecera da existência dele, e apercebia-se perfeitamente de que o sultão não era recetivo aos seus conselhos. Não lho levava a mal: Paris fizera-lhe tantas promessas, porém nenhum exército francês viera combater ao lado deles por Mysore, e Gudin compreendia o desapontamento de Tipu e chegava mesmo a simpatizar com ele, enquanto o próprio Gudin se sentia inútil e desamparado. Alguns dos seus contemporâneos já tinham chegado a generais; até mesmo o pequeno Bonaparte, um homem da Córsega, que Gudin conhecera brevemente em Toulon, já tinha um exército dele, enquanto Jean Gudin fora parar à distante cidade de Mysore. O que tornaria uma vitória tanto mais importante, também para ele, e, caso os britânicos não fossem dominados ali, teriam de ser vencidos pela vasta artilharia e pelos projéteis que aguardavam por eles na muralha de Seringapatam. Era também aí

que se encontrava o pequeno batalhão de Gudin que era constituído por soldados europeus, e ele suspeitava que a sua campanha acabaria por ser decidida em Seringapatam. E, caso conseguissem uma vitória, se os britânicos fossem expulsos do Sul da Índia, certamente que Gudin receberia a sua recompensa em França. Em casa, onde não havia moscas por todo lado, como se fossem ratos.

Esperava-os o regimento inimigo com as armas niveladas. Os homens do sultão Tipu emitiram gritos de guerra e atacaram de forma impetuosa. Tipu inclinou-se para a frente, remordendo inconscientemente o lábio inferior, a aguardar o impacto.

Gudin deu consigo a pensar se a mulher dele em Seringapatam iria gostar da Provença, ou se a Provença iria gostar dela. Ou talvez fosse chegada a hora de encontrar outra mulher. Suspirou, afugentou mais uma mosca, depois estremeceu involuntariamente.

Pois abaixo deles, a chacina iniciara-se.

— DISPARAR! — GRITOU O CORONEL WELLESLEY.

Setecentos homens puxaram o gatilho e setecentas pederneiras deslizaram para diante, para o fuzil. As faíscas provocaram a ignição da pólvora na caçoleta, houve uma pausa, enquanto o fogo se ateava nas sete centenas de orifícios, depois o ruído ensurdecador, quando os mosquetes se inflamaram.

A coronha em metal pesado da arma impactou contra o ombro de Sharpe, aquando do disparo. Apontara a arma para um oficial que usava uma faixa, na linha de comando da coluna, apesar de àquela distância de uma cinquentena de metros mal valesse a pena apontar um mosquete, uma vez que a arma era assustadoramente imprecisa. Mas, a não ser que a bala fosse projetada muito para o alto, haveria de acertar em alguém. Não sabia, contudo, os estragos que tinha provocado, porque, no instante do disparo, o mesmo em que a coronha do mosquete embateu no ombro dele, Sharpe perdeu momentaneamente a visão devido à espessa nuvem de fumo em espiral que as setecentas armas expeliam. Também deixara praticamente de ouvir, pois o som do disparo dos mosquetes na retaguarda, muito perto da cabeça dele, tinha-lhe deixado os tímpanos a vibrar que nem sininhos. A mão direita dele pôs-se automaticamente à procura de um novo cartucho na bolsa a tiracolo, mas então, acima do som de pequenos sinos nos ouvidos, fez-se distinguir a voz brusca do coronel:

— Avançar! 33.º Regimento! Avançar!

— Avancem, rapazes! — incitou o sargento Green. — Calmamente! Não corram! Andem!

— Raios partam a vossa pressa! — gritou o alferes Fitzgerald para a companhia. — Mantenham as fileiras! Isto não é uma corrida!

O regimento marchou envolto no fumo de mosquetes, que cheirava a ovos podres. O tenente Lawford lembrou-se de súbito de puxar pela espada. Nada via além da fumaça, porém imaginava um inimigo terrível a aguardá-lo de mosquete em punho. Levou a mão ao bolso do casaco, no qual guardava a Bíblia que a mãe lhe dera.

A fileira da frente avançou, a visão clara agora que o fumo fedorento se dissipara, e, de repente, nada mais viu diante de si senão caos e carnificina.

As setecentas balas de chumbo haviam convergido na frente inimiga com uma eficiência brutal. Onde houvera fileiras organizadas estavam agora mortos e moribundos no chão, impedindo a passagem das fileiras que se lhes seguiam. Era-lhes muito difícil transpor a barreira de corpos mortos, outros feridos, pelo que estavam hesitantes e titubeantes, quando do fumo surgiram repentinamente as baionetas.

— Acelerem agora! Acelerem! Não os deixem ficar de pé! — gritou o coronel Wellesley.

— Avancem com um grito de guerra, rapazes! — apelava agora o sargento Green. — Ataquem agora! Deem cabo deles!

Naquele instante, Sharpe não pensava em desertar, porque prestes a lutar. Se havia uma boa razão para juntar-se ao exército, essa era a de lutar. Não ser obrigado a despachar-se para nada fazer, mas combater os inimigos do rei, um inimigo que acabara de ficar em choque com a violência terrível dos disparos efetuados a curta distância e agora olhava, horrorizado, os homens de casacas vermelhas a caírem sobre ele com gritos de guerra. O 33.º Regimento, liberto agora das fileiras de disciplina apertada, atacava com ânsia. Haveria saques, mais adiante. Saques e comida e homens atordoados a abater, e existiam poucos homens naquele regimento sem vontade de entrar numa luta. Eram poucos os que se tinham juntado às fileiras do Exército por razões de patriotismo. Como Sharpe, muitos haviam aceitado o soldo do rei devido à fome e ao desespero que os levara, por fim, a envergar o uniforme. Mas isso não queria dizer que não fossem bons soldados. Eram oriundos das ruas imundas de Londres, onde um homem sobrevivia mais através da selvajaria do que da inteligência. Eram briguentos, eram canalhas, lutadores de rua que nada mais tinham a perder senão o seu magro soldo diário.

Sharpe uivava enquanto corria. Os batalhões de sipaios fechavam agora o flanco esquerdo, mas não havia necessidade de carregarem os seus mosquetes, pois a bazofiadora infantaria dos tigres do sultão Tipu não tencionava retorquir naquela tarde, dando luta aos ingleses. Recuavam, procuravam uma saída, queriam escapar, e então surgiram do norte, do lado em que tinham estado ocultos atrás das árvores em flor escarlate, as cavalarias britânica e indiana, que atacaram ao som de uma trombeta. As lanças foram niveladas, os sabres agarrados como se de lanças se tratasse e assim chegaram os cavaleiros, como um tremendo trovão a rolar sobre o flanco inimigo.

A infantaria do sultão Tipu pôs-se em fuga. Alguns, aqueles poucos que tiveram sorte, conseguiram trepar de volta pela cordilheira, porém a maioria foi apanhada em campo aberto, entre o 33.º Regimento e a encosta do conjunto de colinas, onde a chacina se transformou em massacre. Sharpe chegou-se à pilha de mortos e saltou por cima dela; do outro lado, um homem ferido levantava a custo o seu mosquete, mas Sharpe bateu-lhe com a coronha da arma na cabeça e pontapeou o mosquete para longe das mãos fragilizadas. E continuou a correr. Ia atrás de um dos oficiais, um homem valente que tentara reunir de novo os seus combatentes, mas que agora fatalmente hesitava. O homem carregava um sabre em punho, lembrou-se então da pistola que trazia à cintura, onde colocou a mão nervosa para a sacar, porém viu que não a empunharia a tempo, voltou-se e pôs-se a correr atrás da sua tropa fugitiva. Sharpe foi mais rápido. Empurrou a sua baioneta para a frente e atingiu o oficial indiano na lateral do pescoço. O homem virou-se, a lâmina do sabre a assobiar ao cortar o ar, a arma em meia-lua aproximando-se da cabeça de Sharpe. Este aparou o golpe com o cano do mosquete. Uma lasca de madeira soltou-se, quando Sharpe atingiu o oficial entre as pernas. Sharpe gritava-lhe um desafio, um grito que era de ódio, mas que nada tinha que ver com Mysore ou com o oficial inimigo, e sim com as frustrações na vida dele. O indiano cambaleou, dobrou-se para a frente, e Sharpe bateu-lhe com a coronha pesada da arma no rosto. O oficial inimigo caiu ao solo, o sabre a deslizar-lhe da mão. Gritou algo, talvez a sua rendição, mas Sharpe não se importou. Limitou-se a pisar o braço com a arma do homem caído, depois fez descer a baioneta com força na garganta dele. A luta não terá demorado mais do que três segundos.

Sharpe decidiu não avançar mais. Outros homens passaram a correr por ele, aos berros enquanto perseguiam o inimigo, porém Sharpe já encontrara a sua vítima. Empurrara a baioneta com tal força que ela atravessara

a garganta do homem e se alojara no solo e estava com dificuldade em retirá-la, pelo que, eventualmente, teve de colocar uma bota sobre a testa do moribundo, para conseguir tirar a lâmina espetada. O sangue jorrou da ferida aberta, dando depois lugar a golfadas vívidas, quando Sharpe se ajoelhou e começou a revistar o uniforme colorido do homem, alheio ao som entrecortado e gorgolejante que o oficial emitia ao morrer. Sharpe arrancou-lhe a faixa em seda amarela da cintura e atirou-a para o lado, juntamente com o sabre de punho prateado e a pistola. A bainha deste sabre era de cabedal, de nenhum valor, portanto, para Sharpe. Mas atrás dela havia uma pequena bolsa bordada, e Sharpe puxou pela faca e cortou os atilhos de um só golpe. Abriu e remexeu o interior, mas encontrou apenas arroz seco e um pedaço do que lhe parecia ser bolo. Farejou-o e encontrou-lhe o aroma a especiarias e supôs que fosse feito de uma espécie de feijão. Atirou fora a comida e quase que cuspiu uma praga no rosto do moribundo, ao perguntar-lhe o que queria:

— Onde está o dinheiro?

O homem arfou, depois emitiu um último som de engasgo, o corpo estremeceu violentamente quando o coração não resistiu e cedeu. Sharpe continuou a puxar e a rasgar a túnica com as listas de tigre lilás. Percorreu com os dedos as costuras em busca de moedas, nada encontrou e arrancou então o turbante da cabeça peganhenta do sangue fresco. O rosto do homem morto estava já repleto de moscas. Sharpe apartou o turbante e ali, bem no meio do tecido gorduroso, encontrou uma dúzia de pequenas moedas de cobre.

— Sabia que teria aí alguma coisa — disse ao morto, de seguida enfiou as moedas na própria bolsa.

A cavalaria tratava dos homens restantes da infantaria do sultão Tipu. O sultão, ele próprio, com a sua comitiva e os porta-estandartes, desapareceu do cume da cordilheira, juntamente com os canhões. O inimigo esgueirara-se e escapara, abandonando a sua infantaria aos sabres e às lanças das cavalarias britânica e indiana. A cavalaria indiana tinha sido recrutada na cidade de Madras e nos estados da costa oriental que tinham sofrido os assaltos do sultão Tipu e que agora se vingavam, a vaia e a rir, enquanto as suas lâminas desciam sobre os fugitivos aterrorizados. Alguns cavaleiros, deixando de ter alvos, já haviam desmontado e iniciado o saque aos mortos e moribundos. A infantaria de sipaios, que chegara tarde de mais para participar da chacina, juntou-se ao saquear de corpos.

Sharpe virou a baioneta do seu mosquete, limpou-a ao cinturão do

homem morto, poliu o sabre e a pistola, depois pôs-se à procura de mais saque. Sorria de orelha a orelha e dizia para si que estas lutas não tinham nada de especial. Nada mesmo. Uns disparos na Flandres, um tiro ali: nenhuma luta digna de ser sequer chamada de batalha. Na Flandres fora tudo muito confuso, ali fora tão fácil quanto a matança de ovelhas. Não admirava que o sargento Hakeswill considerasse que iria viver para sempre. E ele também, achou Sharpe naquele momento, porque não havia nada de especial naquelas lutas. Um ou outro disparo e já estava. Riu-se, fez deslizar a baioneta na bainha e ajoelhou-se ao lado de outro homem morto. Havia trabalho a fazer e um futuro financeiro a cuidar.

Se ao menos soubesse para onde seria seguro fugir...